

GERTRUDES A. DANDOLINI
JOÃO ARTUR DE SOUZA
RICARDO PEREIRA
ROSANE MALVESTITI
ORGANIZADORES

INOVAÇÃO SOCIAL
NEGÓCIOS SOCIAIS
DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL



Pantanal Editora

2020

Gertrudes Aparecida Dandolini
João Artur de Souza
Ricardo Pereira
Rosane Malvestiti
(Organizadores)

Inovação social, negócios sociais e desenvolvimento sustentável



Pantanal Editora

2020

Copyright© Pantanal Editora
Copyright do Texto© 2020 Os Autores
Copyright da Edição© 2020 Pantanal Editora
Editor Chefe: Prof. Dr. Alan Mario Zuffo
Editores Executivos: Prof. Dr. Jorge González Aguilera
Prof. Dr. Bruno Rodrigues de Oliveira

Diagramação: A editora
Edição de Arte: A editora e Canva.com
Revisão: Os autor(es), organizador(es) e a editora

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – OAB/PB
- Profa. Msc. Adriana Flávia Neu – Mun. Faxinal Soturno e Tupanciretã
- Profa. Dra. Albys Ferrer Dubois – UO (Cuba)
- Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – IF SUDESTE MG
- Profa. Msc. Aris Verdecia Peña – Facultad de Medicina (Cuba)
- Profa. Arisleidis Chapman Verdecia – ISCM (Cuba)
- Prof. Dr. Bruno Gomes de Araújo - UEA
- Prof. Dr. Caio Cesar Enside de Abreu – UNEMAT
- Prof. Dr. Carlos Nick – UFV
- Prof. Dr. Claudio Silveira Maia – AJES
- Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – UFGD
- Prof. Dr. Cristiano Pereira da Silva – UEMS
- Profa. Ma. Dayse Rodrigues dos Santos – IFPA
- Prof. Msc. David Chacon Alvarez – UNICENTRO
- Prof. Dr. Denis Silva Nogueira – IFMT
- Profa. Dra. Denise Silva Nogueira – UFMG
- Profa. Dra. Dennyura Oliveira Galvão – URCA
- Prof. Dr. Elias Rocha Gonçalves – ISEPAM-FAETEC
- Prof. Me. Ernane Rosa Martins – IFG
- Prof. Dr. Fábio Steiner – UEMS
- Prof. Dr. Gabriel Andres Tafur Gomez (Colômbia)
- Prof. Dr. Hebert Hernán Soto Gonzáles – UNAM (Peru)
- Prof. Dr. Hudson do Vale de Oliveira – IFRR
- Prof. Msc. Javier Revilla Armesto – UCG (México)
- Prof. Msc. João Camilo Sevilla – Mun. Rio de Janeiro
- Prof. Dr. José Luis Soto Gonzales – UNMSM (Peru)
- Prof. Dr. Julio Cezar Uzinski – UFMT
- Prof. Msc. Lucas R. Oliveira – Mun. de Chap. do Sul
- Prof. Dr. Leandro Argente-Martínez – Tec-NM (México)
- Profa. Msc. Lidiene Jaqueline de Souza Costa Marchesan – Consultório em Santa Maria
- Prof. Msc. Marcos Pisarski Júnior – UEG
- Prof. Dr. Mario Rodrigo Esparza Mantilla – UNAM (Peru)
- Profa. Msc. Mary Jose Almeida Pereira – SEDUC/PA
- Profa. Msc. Nila Luciana Vilhena Madureira – IFPA
- Profa. Dra. Patrícia Maurer
- Profa. Msc. Queila Pahim da Silva – IFB
- Prof. Dr. Rafael Chapman Auty – UO (Cuba)
- Prof. Dr. Rafael Felipe Ratke – UFMS
- Prof. Dr. Raphael Reis da Silva – UFPI

- Prof. Dr. Ricardo Alves de Araújo – UEMA
- Prof. Dr. Wéverson Lima Fonseca – UFPI
- Prof. Msc. Wesclen Vilar Nogueira – FURG
- Profa. Dra. Yilan Fung Boix – UO (Cuba)
- Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – UFT

Conselho Técnico Científico

- Esp. Joacir Mário Zuffo Júnior
- Esp. Maurício Amormino Júnior
- Esp. Tayronne de Almeida Rodrigues
- Esp. Camila Alves Pereira
- Lda. Rosalina Eufrausino Lustosa Zuffo

Ficha Catalográfica

| Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG) | |
|--|---|
| I58 | <p>Inovação social, negócios sociais e desenvolvimento sustentável [recurso eletrônico] / Organizadores Gertrudes Aparecida Dandolini [et al.]. – Nova Xavantina, MT: Pantanal, 2020. 96p.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-88319-12-3 DOI https://doi.org/10.46420/9786588319123</p> <p>1. Inovação Social. 2. Negócio Social. 3. Desenvolvimento Sustentável. 4. Empreendedorismo Social. I. Dandolini, Gertrudes Aparecida. II. Souza, João Artur de. III. Pereira, Ricardo. IV. Malvestiti, Rosane.</p> <p style="text-align: right;">CDD 658.048</p> |
| Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422 | |

O conteúdo dos e-books e capítulos, seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva do(s) autor (es) e não representam necessariamente a opinião da Pantanal Editora. Os e-books e/ou capítulos foram previamente submetidos à avaliação pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação. O download e o compartilhamento das obras são permitidos desde que sejam citadas devidamente, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais, exceto se houver autorização por escrito dos autores de cada capítulo ou e-book com a anuência dos editores da Pantanal Editora.

Pantanal Editora

Rua Abaete, 83, Sala B, Centro. CEP: 78690-000.
 Nova Xavantina – Mato Grosso – Brasil.
 Telefone (66) 99682-4165 (Whatsapp).
<https://www.editorapantanal.com.br>
contato@editorapantanal.com.br

PREFÁCIO

Inicialmente, quero apresentar meus mais sinceros agradecimentos pelo convite para prefaciar este livro, declaro de maneira categórica que me fez sentir muito honrada com a tarefa. Igualmente, quero prestar aqui meu reconhecimento pela realização desta publicação cujo título Inovação Social, Negócios Sociais e Desenvolvimento Sustentável expressa os temas centrais dos estudos e pesquisas do Núcleo de Estudos em Inteligência, Gestão e Tecnologias para a Inovação (IGTI), vinculado ao Programa de Pós-graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento (PPGEGC) e ao Departamento de Engenharia e Gestão do Conhecimento (dEGC), da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

E, na perspectiva de que a obra está alinhada e é coerente com a visão do IGTI, de ser um grupo de pesquisa de excelência em inteligência para inovação e cuja missão é desenvolver ciência e tecnologia que possibilitem criar inteligência para a inovação nas organizações, contribuindo para o desenvolvimento econômico, social e ambiental. Para tal, o núcleo, formado por um grupo multidisciplinar, desenvolve pesquisas teóricas e práticas por meio de projetos e parcerias com empresas e outras instituições promovendo a transferência de conhecimentos e tecnologias em prol das melhores soluções para as questões estudadas. Nesta trajetória, as produções geradas pelo conjunto de pesquisadores/docentes e discentes do núcleo os tem conduzido a desfrutarem, de modo expressivo, do prestígio e do respeito junto à comunidade acadêmica.

Antes de efetuar uma breve apreciação sobre a discussão apresentada em cada capítulo desta obra, gostaria de expor algumas das principais características inerentes aos debates que os estudos apresentam e, que identifique que merecem destaque, e, são elas: o caráter sintético dos relatos e argumentações; a atualidade das referências conceituais, sem contudo, negligenciar as contribuições dos estudos precursores; e, de maneira particular, a relevância acadêmica, técnica científica e social para a conjuntura vivida pela sociedade brasileira. Essas características são notórias e tornam as apresentações didáticas, fato que torna a leitura estimulante e instigante aos especialistas, além de facilitar aos iniciantes e aos leitores em geral uma apreciação instrutiva e prazerosa.

Em relação à forma como a obra foi organizada, enfatizo o que entendo ser um elemento fundamental na composição de uma obra literária que é: o trato de questões relevantes da contemporaneidade como a abordagem dos novos desafios, das oportunidades no horizonte das alternativas e soluções protagonizadas na realidade.

Quanto a sequência adotada na organização do livro e para contextualizar as ideias e apresentar um texto coeso sobre Inovação Social, Negócios Sociais e Desenvolvimento Sustentável ao público, os organizadores elaboraram este e-book seccionado em duas partes principais. A primeira parte, formada por três capítulos, centra-se no debate teórico das categorias centrais, desde a

emergência histórica, suas configurações conceituais e contribuições técnico científicas. Enquanto a segunda parte, que abrange dois capítulos, apresenta relatos de experiências exitosas, representativas e abalizadas pela aplicação da prática dos fundamentos teóricos tratados na primeira parte da obra.

No primeiro capítulo, as autoras, de maneira objetiva e instrutiva, fazem uma contextualização consistente que expõem as bases teóricas da Inovação Social, construindo a narrativa sobre o conteúdo conceitual e debatendo seu potencial para contribuir para superação das condições adversas enfrentadas pelos agentes sociais. No debate, as autoras explicitam que o termo inovação social busca diferenciar essa modalidade de inovação em relação à outras diversas formas, centradas em interesses puramente mercadológicos, em razão do seu propósito em criar valor social para fomentar oportunidades de desenvolvimento de soluções inovadoras, novos arranjos sociais e invenções sociais, no qual a força do coletivo constitui seu poder para implementar transformações direcionadas para o desenvolvimento das comunidades locais, regionais ou globais nas dimensões, social, cultural, econômica e ambiental.

No segundo capítulo, os autores, ao abordarem os negócios sociais em seus elementos principais, exibem um conjunto elaborado de informações que exibem a emergência histórica e a caracterização do conceito e, de modo ilustrativo, pautam os principais desafios e problemáticas vigentes na sociedade (pobreza, desigualdade social, consumismo e desperdício desenfreado, desigualdade de gênero, entre outros). Os autores enunciam o papel dos negócios sociais como aqueles que abrangem um amplo leque de iniciativas, tais como empresas e/ou empreendimentos sociais, negócios com impacto social, tendo como prioridade o foco na missão social pela criação de valor econômico direcionada imperativamente para manter a sustentabilidade social e econômica. Neste capítulo, os autores fazem ponderações coerentes e significativas sobre os enfrentamentos que esse tipo de empresa/empreendimento enfrenta por seu caráter inovador de modelo de negócio, para os quais os marcos regulatórios ainda não foram devidamente estabelecidos, de modo a oportunizar a concessão dos incentivos necessários.

No capítulo terceiro, escrito por três autores, o diálogo argumentativo recai sobre as definições e a contextualização em relação à evolução do conceito de desenvolvimento sustentável e seus direcionamentos práticos no estabelecimento de fundamentos de políticas públicas. Os autores aceitam o complexo desafio de abordar uma questão central para a sociedade atual em todos os quadrantes do planeta: a crise socioambiental que pela força de seus efeitos destrutivos geram limites para as próprias bases de produção da sociedade, comprometem a qualidade de vida de maneira indiscriminada gerando riscos a vastos segmentos sociais, além de ameaçar todas as formas de vida, assim gerando dilemas que alcançam um nível civilizatório. Nesta trilha, os autores apontam que neste domínio predomina uma proliferação de conceitos e controvérsias científicas, e indicam o enfoque

que associa inovação social aos negócios sociais, articulando as diversas dimensões da realidade (econômica, social e ambiental), direcionada para melhoria da qualidade de vida em sociedade, na constituição de um modelo econômico baseada na colaboração que institui cooperativas, negócios sociais e iniciativas informais que se pautam pelas práticas de sustentabilidade. Este capítulo, traz os contornos das valiosas contribuições feitas por Inagcy Sachs, e me fez evocar a experiência de pesquisa em sua equipe na década de 90 (CIRED-Paris).

Na sequência da obra, a segunda parte demarca uma complementação muito bem ordenada na qual são apresentados dois capítulos, que sob o formato de relatos de experiências apresentam exemplos importantes de inovação e empreendedorismo social. O quarto capítulo, versa sobre Inovação Social, numa experiência específica de turismo que incorpora princípios de sustentabilidade e do protagonismo das comunidades na gestão e execução das atividades com a repartição dos benefícios pelos envolvidos. Essa modalidade de turismo integra diferentes tipos de patrimônio (material e imaterial), recriando soluções criativas num determinado território no qual expressam as singularidades das práticas locais centrados na cultura e práticas socioambientais. A experiência de turismo abordada, sob o prisma de Inovação Social, baseia-se na dinâmica cultural como oportunidade que combina estratégias e ação afirmativas de cidadania, que não visam apenas ao lucro, mas contribuem para solucionar problemas locais ou regionais pela criação de redes e participação direta para a geração de planos inovadores que integra o turismo e a comunidade. Um destaque, de grande relevância, apresentada pelos autores indica que a Inovação Social pode ser retratada como um novo modelo para resolver vulnerabilidades regionais e sociais.

O capítulo que encerra a obra, eu diria que o faz com chave de ouro, pois por sua relevância segue o padrão dos capítulos anteriores, neste as autoras narram analiticamente a experiência do projeto Connexão Jovem do Instituto Nexxera, que conforme indicam é uma organização de Inovação Social que pauta suas ações pela agenda dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável - ODS, pela instrumentalização de segmentos sociais em condição de vulnerabilidade com ações nas áreas da educação, cultura e esporte. As autoras analisam como o projeto revela o papel da inovação pela via do empreendedorismo social e de processo formativos e educacionais. Outrossim, explicitam o potencial das ações socialmente responsáveis para a partir do empreendedorismo de negócios sociais, alicerçados pela educação empreendedora, pode vir a responder aos limites que vigoram nos territórios, para criar capital humano e impulsionar mudanças e geração de valor social agregado, fomentando o bem-estar coletivo e a construção de cenários sociais mais justos.

Entendo esta obra como um esforço bem-sucedido de debater os desafios contemporâneos em suas complexidades e pluralidades. No qual, os autores, como parte da comunidade científica, encaram o desafio de atuar de maneira ativa e diligente no descobrimento e delineamento de novos

parâmetros técnicos científicos que ordenam as práticas investigativas e as abordagens analíticas. Mediante o exposto, reitero que este livro trata de tema oportuno e de grande relevância e que, portanto, pode ser recomendado tanto para o público especializado, quanto para o público em geral. Ao que busca informações qualificada sobre o tema nesta coletânea encontrará um traço bem delineado dos debates teóricos, bem como de experiências que proporcionam uma reflexão circunstanciada e relevante.

Por fim, entendo que a publicação desta importante obra pelo IGTI/UFSC denota a atuação institucional profundamente engajada junto aos parceiros que atuam nos processos de busca de soluções viáveis e coerentes, orientando suas forças na geração de pesquisas direcionadas pelo compromisso com a excelência acadêmica e relevância social em prol do desenvolvimento com sustentabilidade socioambiental.

Assim, apresento minha demonstração de apreço pelo conjunto de docentes e discentes que fazem parte do IGTI/UFSC, e igualmente professo o prazer de ter tido a oportunidade de contemplar o fruto gerado pelo esforço coletivo dos autores e organizadores e congratular-me por esta empreitada vitoriosa.

Dra. Ma. do P. Socorro Rodrigues Chaves
Docente da Universidade Federal do Amazonas

APRESENTAÇÃO

“A razão pela qual pareço otimista é porque acho que se pode mudar o destino, acredito na mudança humana”. Amartya Sen

Desde que o homem percebeu que para sobreviver necessitava explorar recursos naturais, sua relação com o meio ambiente tem sido desafiadora. Tal relação que deveria ser harmoniosa, há tempos está desequilibrada. A humanidade explora os recursos naturais como se fossem inesgotáveis. Nas últimas décadas, a rápida aceleração industrial tem sido acompanhada de poluição e degradação do meio ambiente. A internalização dos lucros e a socialização dos prejuízos ambientais têm sido a regra, e quem perde é o planeta e as futuras gerações.

Entretanto, o mundo em que vivemos apresenta indícios de que esta forma de exploração é insustentável. Catástrofes, efeito-estufa, desequilíbrio climático, dentre tantos outros eventos sugerem uma nova abordagem pela humanidade.

Em contradição a esta realidade, uma parcela da sociedade, atenta a esta situação de desarmonia, vem promovendo uma nova forma de enxergar a relação do homem com a natureza, visando à exploração de recursos naturais de forma sustentável, produção industrial limpa, dentre outras iniciativas que minimizem as mazelas até então identificadas.

Nas últimas três décadas, a preocupação universal sobre o uso saudável e sustentável do planeta e de seus recursos passou a ser tema de debate da comunidade internacional. A Organização das Nações Unidas - ONU, por exemplo, organizou diversas conferências que geraram um conjunto de princípios, postulados e documentos que orientam a atuação de governos e associações em relação às tratativas a respeito do meio ambiente.

A partir de então, houve uma ampliação do entendimento de que o desenvolvimento sustentável corresponde ao equilíbrio entre crescimento econômico, justiça social e preservação ambiental, refletindo-se em um conjunto de objetivos, denominados Objetivos de Desenvolvimento Sustentável - ODS que incorporam a necessidade de minimizar problemas sociais, econômicos e ambientais.

Nos últimos anos, em especial com o advento da agenda 2030 e os ODS, a pauta relacionada às questões sociais passou a ter uma maior evidência. Dos dezessete ODS criados, oito deles estão relacionados à área social (pobreza, fome, vida saudável, educação inclusiva, igualdade de gênero, saneamento, energia e redução da desigualdade). A consecução destes ODS demanda um grande esforço dos governos, que na maioria das vezes não adotam as políticas públicas necessárias por falta de vontade política e/ou escassez de recursos.

Alternativamente à atuação estatal, atores da sociedade civil passaram a se mobilizar visando promover novas soluções para problemas sociais e ocupar os espaços deixados pelo Poder Público.

Organizações da Sociedade Civil (OSC) e negócios com missões sociais distintas buscam apoiar os governos nos atendimentos das necessidades coletivas de parcela da população, desassistidas em termos de educação, saúde, segurança, buscando inclusão social, bem-estar, redução da fome e pobreza, entre outras mazelas sociais.

A atuação dessas organizações pode resultar em Inovações Sociais (IS), que é uma resposta a esses desafios sociais, além de ser uma potencial contribuição para o fortalecimento da coesão social. Ações de IS podem gerar soluções alternativas para os mais variados problemas sociais que mitigam seus efeitos e diminuem a vulnerabilidade social.

As IS são um novo olhar, ações para a resolução de problemas sociais (muitos dos citados acima). A essência dessas iniciativas é buscar o bem-estar das pessoas e reduzir as desigualdades sociais, através da construção de relações sociais inclusivas.

Neste sentido, este livro é dividido em duas partes. A primeira apresenta a teoria em relação aos construtos de IS, Negócios Sociais (NS) e Desenvolvimento Sustentável (DS), composta por três capítulos. Cada um traz uma contribuição científica, clarificando suas definições e conceitos, para que se tenha uma leitura agradável e fluída. Na segunda parte, composta por dois capítulos, mostram-se exemplos do quão importante são estes conceitos na prática e elenca algumas possibilidades de aplicação da teoria.

O primeiro capítulo trata da IS, traz uma visão geral do tema, seus principais conceitos, ao mesmo tempo em que aponta as necessidades de estudos que abordem este tema sob perspectivas sistêmicas, de modo a encontrar soluções efetivas para a complexidade adaptativa dos problemas sociais. A partir dos conceitos, emergiu um ponto comum que caracteriza este construto, que é a transformação ou mudança na vida das pessoas envolvidas, quando o problema é solucionado ou amenizado. Desta forma, uma relação entre os atores sociais se estabelece, fortalecendo ainda mais o poder de transformação pelas ações sociais. Isso ajuda a sociedade envolvida promovendo melhorias de forma geral, especialmente de qualidade de vida.

No segundo capítulo enfatiza-se a caracterização, diferenciação e principais desafios sobre os NS. Estas organizações são empreendimentos, a princípio, sem fins lucrativos, tendo como principal missão a resolução de um problema social. A criação de valor econômico e sustentabilidade financeira são fatores que os diferencia das organizações sem fins lucrativos. Sua importância está nos seus objetivos e missão, os quais podem desencadear IS. A ausência de um marco legal e a dificuldade para adquirir sustentabilidade financeira são os principais desafios deste tipo organizacional.

No capítulo terceiro e último capítulo teórico do livro, traz as definições e a contextualização do DS, a Agenda 2030 e os dezessete ODS. Apresenta as ideias de dois importantes pensadores e defensores deste movimento, Maurice Frederick Strong e Ignacy Sachs e aborda suas contribuições.

Além disso, faz uma correlação com a IS e NS. O objetivo do capítulo é trazer o entendimento e propagar o conhecimento sobre este importante tema, pelo fato de que todos devem fazer sua parte para salvar o planeta, preservando-o para as futuras gerações.

O livro, em sua segunda parte, traz a aplicação dos construtos abordados na primeira parte conceitual, sob a forma de relatos de experiências, estudo de caso e temas adjacentes.

O quarto capítulo, aborda a IS de forma prática, sob a perspectiva do turismo que dá origem a alternativas, como ecoturismo e o turismo de base comunitária. Este capítulo apresenta dois pontos relevantes. O primeiro são os aspectos positivos e negativos do turismo, por exemplo, o turismo em massa. No segundo ponto estão os exemplos práticos da junção do turismo com a IS, por exemplo, o caso do estudo sobre ecossistema de turismo inteligente para cocriação de valor sustentável. Os exemplos trouxeram um ponto comum entre turismo e IS de que podem ser favorecidas a economia, além de ser sustentáveis com a preservação da cultura local.

O último capítulo do livro apresenta um relato de experiência do projeto Conexão Jovem. Este projeto teve como objetivo mostrar como a inovação pode amparar o empreendedorismo social por meio da educação. O Instituto Nexxera lançou um desafio, no qual houve a participação de cinco escolas públicas da cidade de Florianópolis/SC. As etapas constaram do contexto organizacional do Instituto Nexxera, a descrição das etapas de aplicação, a dinâmica do projeto, os alunos, entre outras. Durante o desafio Conexão Jovem houve a capacitação dos alunos, acessibilidade aos centros de inovação, apresentação e avaliação das ideias. As melhores ideias receberam o reconhecimento, inclusive valorizadas por premiações. Por fim, o projeto foi avaliado, apontando os principais resultados, com a consecução dos objetivos fixados em suas etapas iniciais.

Atentos a esta realidade e preocupados com a disseminação do conhecimento sobre estes tópicos mencionados, o Núcleo de Estudos em Inteligência, Gestão e Tecnologias para a Inovação (IGTI) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) reuniu no formato de um livro, e-book, as informações mais relevantes sobre os construtos Inovação Social, Negócio Social e Desenvolvimento Sustentável, bem como relacionando-os entre si e com outros temas adjacentes, além de abordá-los na prática. A partir dos capítulos apresentados, este livro pode ser um excelente ponto de partida para entender a relação existente entre esses relevantes temas, em particular dando um enfoque em novas formas de buscar uma transformação social de maneira mais inclusiva.

Este livro não contém todas as repostas para um mundo melhor e mais equilibrado, mas certamente vai auxiliá-lo com as informações relevantes sobre cada um dos temas abordados.

Aos leitores, desejamos uma excelente leitura e reflexão!

Os organizadores.


SUMÁRIO




| | |
|---|----|
| Prefácio | 4 |
| Apresentação | 8 |
| PARTE 1 | 12 |
| Capítulo 1 | 13 |
| Inovação social: da essência ao seu poder de transformar | 13 |
| Capítulo 2..... | 30 |
| Negócios sociais: origem, caracterização e desafios..... | 30 |
| Capítulo 3..... | 42 |
| Desenvolvimento sustentável e sua relação com inovação social e negócios sociais | 42 |
| PARTE 2 | 61 |
| Capítulo 4..... | 62 |
| Turismo e inovação social: levantamento de casos na literatura..... | 62 |
| Capítulo 5..... | 83 |
| Projeto Conexão Jovem - da inovação ao empreendedorismo social por meio da educação | 83 |
| Sobre os autores e organizadores | 90 |
| Índice Remissivo | 95 |

PARTE 1

Inovação Social, Negócios Sociais, e Desenvolvimento Sustentável: conceitos

Desenvolvimento sustentável e sua relação com inovação social e negócios sociais

Recebido em: 31/08/2020
Aceito em: 10/09/2020
 10.46420/9786588319123cap3

Rosane Malvestiti 
Yohani Dominik dos Santos Figueiredo 
Daniel Bianchini Leite Esteves 

“Nada de parar o crescimento enquanto houver pobres e desigualdades sociais gritantes, mas é imperativo que esse crescimento mude no que se refere a suas modalidades e, sobretudo, à divisão de seus frutos. Precisamos de outro crescimento para um outro desenvolvimento.”
Ignacy Sachs

INTRODUÇÃO

Como já mencionado no capítulo 2 as organizações tradicionais buscam a vantagem competitiva e lucro, para isso usam de forma inconsequente os recursos que as cercam. Essa forma de agir é direcionada pela crença de que crescimento econômico é a principal corrente do desenvolvimento (Seyfang; Longhurst, 2013), sendo, muitas vezes, tratada como sinônimo.

Essa atitude passou a ser alvo de críticas por provocar impactos negativos à sociedade nos aspectos sociais, econômicos e ambientais (Yunus et al., 2010). Esse comportamento resulta no aumento das disparidades sociais, no declínio de economias locais (Strange; Bayley, 2008) e no esgotamento de recursos naturais, o que provoca a degradação do meio ambiente (Jackson; Senker, 2011). A consciência desses impactos tem provocado a reflexão e trazido à tona uma série de desafios complexos que precisam ser compreendidos e solucionados.

Por estas razões, o conceito de DS ganha cada vez mais importância e a compreensão de seus princípios fundamentais são aprimoradas. Especificamente, durante as últimas décadas, diversos movimentos sociais voltaram suas atenções para esses desafios, bem como, para a necessidade da promoção desse conceito (Michel; Hundon, 2015).

O objetivo desses movimentos sociais é melhorar a qualidade de vida das pessoas e promover um mundo melhor. Neste contexto, pode-se acrescentar e dizer que a inovação social (IS) compartilha desse pensamento, pois visa à resolução dos problemas sociais, sejam eles simples ou complexos e, está diretamente associada ao desenvolvimento sustentável. Quando essa associação acontece, fortalecem e integram as dimensões econômica, social e ambiental do DS (Castro-Arce; Vanclay, 2020; Figueiredo et al., 2018).

Com esse cenário em mente, será apresentada uma perspectiva cronológica do conceito em questão. Proferir uma explanação da necessidade de praticar e propagar o conhecimento sobre o DS e, também, abordará alguns tópicos relevantes, as descrições dos ODS e sua relação com a IS e com os NS.

EVOLUÇÃO DO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

Uma série de acontecimentos trouxe à tona a necessidade da evolução do modelo de desenvolvimento, em que as preocupações deixassem de estar voltadas apenas para a perspectiva econômica e passassem a considerar as questões globais, não somente a econômica, mas as ambientais e as sociais.

Nessa perspectiva, considera-se um novo modelo global de desenvolvimento, sendo-lhe atribuído o adjetivo “sustentável”, transformando-o em desenvolvimento sustentável. A principal questão que circunda este novo modelo está relacionada à quebra de paradigma de desenvolvimento unilateral, ou seja, desenvolvimento que concentra as ações apenas na perspectiva econômica para o desenvolvimento endógeno, que ocorre a partir da inserção da comunidade em práticas democráticas, capazes de impulsionar o bem estar, condição de vida e gerar um aumento de renda da população, além de melhorar e preservar as questões ambientais de seu entorno (Correia et al., 2018).

O século XX foi marcado por uma sensibilização aos desastres ambientais que vinham acontecendo em todo o mundo, atribuído ao grande crescimento econômico e atividades industriais, advindo da Segunda Guerra Mundial. Esses desastres foram motivadores para início de discussões e impulsionaram diversas nações a realizarem um debate global sobre o modelo de desenvolvimento vigente e suas reais consequências para a humanidade, com o objetivo de propor um outro caminho como diretriz a ser seguida (Miranda, 2014).

A partir disso, surgiu uma série de conferências para discussão de questões ambientais. A primeira delas foi a Conferência de Estocolmo, Conferência Mundial sobre o Homem e o Meio Ambiente, que aconteceu em 1972, onde surgiu o termo “ecodesenvolvimento” (Miranda, 2014).

No ano de 1983 a ONU retomou o debate das questões ambientais e em 1987 publicaram o documento final desse debate no formato de um relatório denominado "Nosso Futuro Comum" ou "Relatório *Brundtland*", resultado da Comissão Mundial do Meio Ambiente e Desenvolvimento. Nesse relatório o termo desenvolvimento sustentável foi elaborado, bem como sua definição (Miranda, 2014; Dias, 2006; Agenda 2030, 2020) que será discutida no próximo tópico.

Desde então, a ONU realiza conferências sobre o desenvolvimento e o meio ambiente, com o objetivo de encontrar soluções para os principais impactos ambientais globais. Muitas outras conferências aconteceram até que se chegasse no plano de ação vigente, a Agenda 2030 (Agenda 2030, 2020).

As principais conferências que aconteceram desde a implementação do termo “Desenvolvimento Sustentável” foram: Rio-92 (1992), Cúpula do Milênio (2000), Rio+10 (2002), Cúpula do Milênio (2010) e Rio+20 (2012). Em 2015, a ONU se reuniu com líderes mundiais e criaram a Agenda 2030 (Miranda, 2014; Agenda 2030, 2020).

A Rio-92, denominada Declaração do Rio sobre Meio Ambiente, foi uma conferência que reuniu mais de 100 chefes de Estado na cidade do Rio de Janeiro e discutiu como garantir às gerações futuras o direito ao desenvolvimento. Nessa conferência, os países concordaram com a promoção do desenvolvimento sustentável, com foco nos seres humanos e na proteção do meio ambiente como partes fundamentais desse processo. E adotaram a Agenda 21, a primeira carta de intenções para promover, em escala planetária, um novo padrão de desenvolvimento para o século XXI (Miranda, 2014; Agenda 2030, 2020).

Ainda na Rio-92 ficou previsto a ocorrência de uma nova reunião internacional para debater a redução da emissão de gases responsáveis pelo aumento da temperatura do planeta. Essa reunião aconteceu em 1997 e ficou conhecida como Protocolo de Kyoto, que previa redução nas emissões de gases causadores do efeito estufa. Entretanto, houve relutância de aderência de países como Japão e Rússia (Miranda, 2014; Agenda 2030, 2020).

Já a Cúpula do Milênio do ano 2000, foi responsável pela concretização dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM), pois emergiram de uma série de cúpulas multilaterais realizadas durante a década 1990 sobre o desenvolvimento humano. O processo de construção dos ODM contou com especialistas renomados e esteve focado, principalmente, na redução da extrema pobreza (Agenda 2030, 2020).

A conferência Rio+10 em 2002 verificou que a pobreza e a degradação ambiental aumentaram. Também ficou estabelecido que não seria preciso determinar uma nova Agenda, visto que os objetivos da Agenda 21 ainda não tinham sido atingidos, então se elegeu foco na implementação da agenda de desenvolvimento sustentável, reiteração dos objetivos ambientais e sociais da Agenda 21 e dos ODM e também dos Objetivos de Desenvolvimento Mundiais – ODMs, contribuição para o ODM sete, que visava sustentabilidade ambiental (Miranda, 2014; Agenda 2030, 2020).

Na Cúpula do Milênio do ano de 2010 foi reforçado o comprometimento com os ODMs, além dos mesmos terem sido renovados, foi solicitado ao secretário-geral para que ele fizesse recomendações para além de 2015, ano limite para atingir as metas dos ODMs (Agenda 2030, 2020).

E por fim, a Rio+20 em 2012, cujo objetivo era avaliar o progresso obtido até então e as lacunas remanescentes na implementação dos resultados das cúpulas anteriores, abordando emergentes desafios. O foco das discussões da conferência foi a economia verde no contexto do desenvolvimento sustentável e da erradicação da pobreza e o arcabouço institucional para o desenvolvimento sustentável. Essa

conferência guiou as ações da comunidade internacional nos três anos seguintes e deu início ao processo de consulta global para a construção de um conjunto de objetivos universais de desenvolvimento sustentável para além de 2015 (Miranda, 2014; Agenda 2030, 2020).

Em setembro de 2015, representantes de 193 Estados-membros da ONU se reuniram em Nova York, na qual os representantes elaboraram um plano de ação para as pessoas, o planeta e a prosperidade, com a intenção de fortalecer a paz mundial, denominado Agenda 2030. Essa agenda contém 17 ODS e 169 metas para erradicar a pobreza e promover vida digna para todos, dentro dos limites da terra (Agenda 2030, 2020).

Na Figura 3.1 ilustra-se a evolução cronológica das conferências mencionadas.

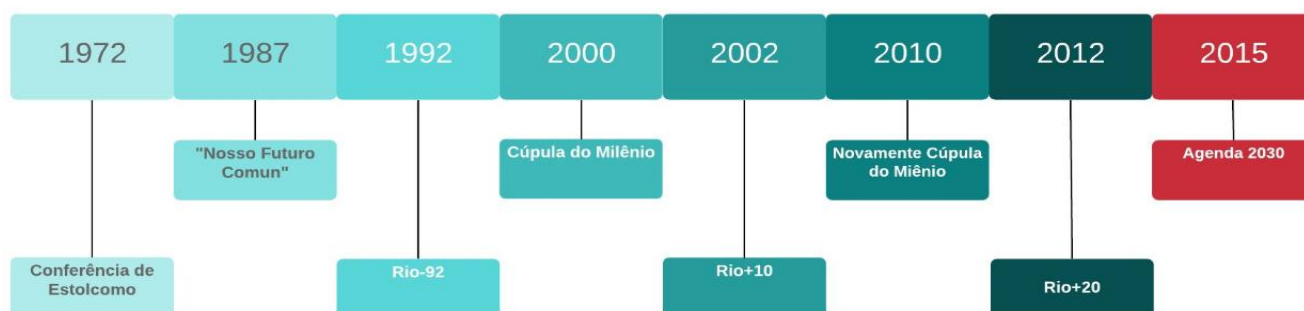


Figura 3.1. Ilustração dos principais eventos na evolução do desenvolvimento sustentável. Fonte: Adaptado de Miranda (2014) e Agenda 2030 (2020).

O DS foi ganhando força aos longos anos e a Agenda 2030 fortaleceu a disseminação dos desafios que precisam ser trabalhados. Ao longo desses anos também houve um amadurecimento do conceito de DS o que é abordado na próxima seção.

REFLEXÕES SOBRE O CONCEITO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

É imprescindível iniciar essa elucidação citando a Conferência Internacional de Estocolmo realizada em 1972, na qual o DS ainda recebia a denominação de ecodesenvolvimento. O autor responsável por iniciar a discussão sobre o tema foi Maurice Frederick Strong e a partir dessa contribuição, Ignacy Sachs formulou a denominação de desenvolvimento sustentável (Dias, 2006).

Maurice Frederick Strong foi diretor executivo fundador do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente - PNUMA. Um visionário e pioneiro do desenvolvimento sustentável global. Teve um papel único e crítico na globalização do movimento ambiental, colocando o meio ambiente na agenda internacional e no centro do desenvolvimento (Massod, 2015).

Também, conduziu os processos globais de governança ambiental e foi secretário-geral da Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente Humano em Estocolmo (1972), na qual lançou o movimento mundial do meio ambiente, além de estar na frente em várias outras conferências, como

Cúpula da Terra do Rio de Janeiro que resultou os acordos: Convenção Quadro sobre Mudanças Climáticas, Convenção sobre Diversidade Biológica e Convenção de Combate à Desertificação. A Agenda 21 da Cúpula do Desenvolvimento Sustentável do Rio (1992), Rio + 20, entre tantas (Massod, 2015).

Ignacy Sachs, com tripla nacionalidade (polonês, brasileiro e francês) é um pesquisador importante para o desenvolvimento sustentável, referido como ecossocioeconomista por promover o desenvolvimento combinando crescimento econômico, aumento igualitário social e preservação ambiental. Trabalhou na organização da primeira conferência do Meio Ambiente e Desenvolvimento da ONU, na qual se criou o PNUMA em Estocolmo 1972. Foi conselheiro da conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento em 1992 no Rio de Janeiro (Bresser-Perreira, 2013).

Vale salientar que, a partir de uma proposta de Maurice F. Strong, Sachs reformulou o conceito de ecodesenvolvimento. Conceito que evoluiu para desenvolvimento sustentável. Assim, Ignacy Sachs, Maurice Strong e Marc Nerfin, redigiram a declaração final da Conferência das Nações Unidas de Estocolmo, conferindo proteção ao ambiente que se tornou um problema e um objetivo mundial (Bresser-Perreira, 2013).

Ignacy Sachs, também considerado um intelectual sempre envolvido com projetos econômico, social e ambiental que fortaleçam os pobres, camponeses, ou que propõe solução para grandes problemas globais, por exemplo, efeito estufa. Preocupado em promover o desenvolvimento econômico de forma a diminuir a desigualdade e assegurar que seja sustentável para o ambiente. Portanto, ele valoriza ações de construção social voltadas para um futuro que proporcione trabalho digno e que respeita a humanidade. Para ele os três maiores desafios do mundo são o desenvolvimento econômico, a igualdade razoável e a sustentabilidade ecológica (Bresser-Perreira, 2013). Vale lembrar que, como mencionado nos capítulos anteriores, esses pensamentos são corroborados com a IS e com os negócios sociais.

Foi Sachs (1993) que propôs as cinco dimensões de sustentabilidade sugerindo que ao planejar o desenvolvimento é necessário considerar simultaneamente essas dimensões de sustentabilidade, são elas:

- a) sustentabilidade social: aqui Sachs considerou que o desenvolvimento fosse estável e de maneira a reduzir substancialmente as desigualdades sociais, na qual houvesse uma distribuição de rendas e bens com maior equidade, para atender a todas as necessidades do ser humano;
- b) sustentabilidade econômica: se refere a uma economia com gestão efetiva dos recursos e com um fluxo regular dos investimentos públicos e privados;
- c) sustentabilidade ecológica: refere-se ao uso das potencialidades dos ecossistemas, mas que haja uma mínima degradação possível, permitindo o tempo de regeneração da natureza;

- d) sustentabilidade espacial: tem como perspectiva o uso equilibrado do espaço, uma nova configuração geográfica rural e urbana, ou seja, busca uma relação de equilíbrio entre a cidade e o campo;
- e) sustentabilidade cultural: promover o ecodesenvolvimento, oferecendo soluções que respeitem as particularidades da cultura de cada local.

A partir dessas discussões e colocações, diversos pontos de vista surgiram. Barbier (1987) trabalha com a ideia de que desenvolvimento sustentável tem como objetivo reduzir pobreza absoluta do mundo com intuito de providenciar meios de vida seguros e permanentes que minimizem a exaustão de recursos, degradação ambiental, disrupção da cultura e a instabilidade social.

Ainda no ano de 1987, Goodland e Ledec (1987) definem DS como um padrão de transformações econômicas e sociais, otimizando benefícios disponíveis no presente, sem destruir o potencial para o futuro. Alcançando um nível de bem-estar econômico razoável e equitativamente distribuído. Implica ainda em usar recursos renováveis de maneira a não os degradar ou eliminá-los ou diminuir sua utilidade para as gerações futuras. Nesta mesma direção, Axelsson et al. (2011) trata o desenvolvimento sustentável como um processo social coletivo que envolve vários interessados com diferentes competências.

Olawumi et al. (2018) adotaram o conceito de DS em seu trabalho de revisão como sendo de âmbito multidimensional e integrado. Afirmaram que o conceito de DS tem os princípios da sustentabilidade propostos por Dovers e Handmer (1992).

Esses princípios se referem à moral da equidade intergeracional, que está alinhado com a definição de DS proposta no Relatório de *Brundtland*. Esses princípios morais da equidade intergeracional fundamentam-se, principalmente à visão sistêmica, ecologia e teoria do risco, ou seja, uma visão sistêmica que se baseia na constatação de que os desafios não poderiam ser superados puramente aumentando esforços de especialização e reducionismo. Isso justifica a abrangência do DS (social, econômico, ambiental), acrescido de que o problema nunca está em um lugar só (Dovers; Handmer, 1992).

Finalmente, o conceito mais referenciado de desenvolvimento sustentável é o apresentado pelo comitê da *World Commission on Environment and Development*:

Desenvolvimento que satisfaz as necessidades do presente sem comprometer a capacidade das gerações futuras satisfazerem as suas próprias necessidades. Ele contém em si dois conceitos-chave: o conceito de 'necessidades', em particular as necessidades essenciais dos pobres do mundo, a que deve ser dada prioridade absoluta, e a ideia de limitações impostas pelo estado da tecnologia e da organização social na capacidade do ambiente para satisfazer as necessidades presentes e futuras (WCED, 1987, p. 43).

Pelo próprio conceito de 1987 se nota que uma grande proporção da população mundial vivia na pobreza e que havia graves disparidades nos padrões de uso dos recursos entre países ricos e pobres e,

também, que os ecossistemas globais já estavam sofrendo exploração abusiva. Por estas razões, fica clara a necessidade de um consenso internacional para reorientar a atividade econômica, a fim de privilegiar as necessidades urgentes dos pobres de desenvolvimento e para evitar danos irreversíveis ao meio ambiente global (Meadowcroft, 2000).

Após a apresentação do conceito de DS pelo Relatório de *Brundtland* houve uma rápida aderência dos governos nacionais, bem como, por um conjunto de organizações internacionais. No entanto, como era de se esperar, uma ideia que foi formulada deliberadamente para funcionar como uma nova norma para a conduta global, o DS, tem tido uma variedade de críticas. Por exemplo, muitos ambientalistas criticaram seu antropocentrismo, lamentando o fato de que ele descaradamente, leva à promoção do bem-estar humano como valor central. Argumentam que, em vez de se preocupar com a manutenção do desenvolvimento, deve-se estar mais preocupado com a manutenção do meio ambiente natural (Meadowcroft, 2000).

Lélé (1991) já reforçava a necessidade de amadurecimento do tema, dizendo que, nos últimos anos da década de 80, o termo composto “desenvolvimento sustentável” se tornou um *slogan* muito usado por diversas organizações governamentais e não governamentais para representar o novo paradigma do desenvolvimento. Nesse contexto, o autor indica que o DS na sua forma abrangente é capaz de conceder força política, mas apresenta uma interpretação incompleta dos problemas de pobreza, degradação ambiental e confusão sobre o papel do desenvolvimento econômico. Devido à falta de consistência e fraquezas significativas que leva a inadequações e contradições na formulação de políticas.

Outra crítica ao DS diz que ele é uma tentativa grosseira de manter a hegemonia econômica entre os países, estabelecendo medidas de utilização de recursos, além de ser associado às ambiguidades. Já dentro das ciências sociais, o foco voltou-se para argumentos relacionados à definição, identificando inconsistências lógicas da ideia. Considerando o termo tão vazio que poderia ser invocado para justificar qualquer política (Meadowcroft, 2000).

Para contra argumentar, deve-se ressaltar que o DS não foi formulado como uma construção lógica ou uma máxima operacional, mas sim como uma meta-objetivo político potencialmente unificador, com um núcleo normativo sugestivo (Meadowcroft, 2000).

Segundo Hopwood et al. (2005) mapeou diferentes abordagens para o desenvolvimento sustentável que são encontradas na literatura e constatou que todas essas abordagens continuam atendendo as perspectivas ambientais e socioeconômicas, mas que cada uma busca resolver problemas de sustentabilidade centrados em objetivos diferentes, havendo uma predominância das abordagens mais ambientais e socioeconômicos, ou ambos, e com diferentes perspectivas.

Apesar das críticas, tem ocorrido uma grande proliferação das definições de DS, e os termos “sustentável” e “sustentabilidade” vieram a ser atribuídos juntamente com uma enorme quantidade de expressões. Ainda que haja uma grande proliferação do conceito, houve uma pequena evolução quanto ao entendimento dominante do DS, tornando-se comum tratá-lo como uma avaliação conjunta dos fatores econômicos, sociais e ambientais (Meadowcroft, 2007).

Apresentada a contextualização, evolução e conceituação, a próxima seção abordará as discussões de temas atuais em que o DS está centrado.

AGENDA 2030 E OS ODS - OBJETIVOS DO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

O conceito de DS não estabelece limites fixos, eles dependem da tecnologia, da organização social sobre os recursos ambientais e da capacidade que a terra tem de absorver os impactos causados pelos humanos. Nesse contexto, a preocupação se torna cada vez mais explícita e passa a despertar o interesse de todos, pelo qual a ONU cria a Agenda 2030 (ONU, 1987).

Isso posto, a Agenda 2030 é um conjunto de diretrizes, criada em setembro de 2015 e contém 17 objetivos que visam o desenvolvimento sustentável, podendo ser considerada como um ultimado para a sobrevivência do planeta. Os países signatários da ONU somam 193, os quais se responsabilizaram a cumprir estes objetivos e as suas 169 metas com os 241 indicadores (Agenda 2030, 2020).

As metas contribuem para encontrar soluções para os desafios globais de consumo, produção, crescimento econômico e social. Portanto, os ODS representam uma agenda global atual, com a finalidade de aprimorar a qualidade de vida das pessoas em qualquer lugar do planeta até 2030. Constitui um plano de ação para as pessoas e para o planeta, visando à prosperidade, à paz e à erradicação da pobreza, conquistando assim a equidade social sem que ninguém fique para trás (UNESCO, 2017; Agenda 2030, 2020).

Os documentos formatados nas conferências anteriores, Cúpula do Milênio de 2000 e Cúpula Rio + 20 de 2012, mais a continuação da Agenda 21 da Cúpula da Terra de 1992 resultaram nos ODS. Portanto, sua criação foi oriunda das pesquisas em 88 países com debates intergovernamentais e participação da sociedade civil, finalizando com um acordo dos 17 ODS e suas metas, sendo um manual abrangente e visionário com cinco áreas táticas para a humanidade: pessoas, planeta, prosperidade, paz e parcerias (Sachs, 2017).

Os ODS e as metas da Agenda 2030 foram elaborados de maneira a proporcionar fácil entendimento, de modo que todos os países possam adotar de acordo com suas prioridades e capacidades. Além disso, tem como objetivo promover uma parceria global a fim de orientar escolhas necessárias para melhorar a vida das pessoas no presente e no futuro.

A seguir uma breve descrição de cada ODS (UNESCO, 2017), os quais estão alinhados com problemáticas atuais e globais. Na Figura 3.2 ilustram-se os ODS.

1. **Erradicação da pobreza:** acabar com a pobreza em todas as suas formas e lugares.
2. **Fome zero:** acabar com a fome, alcançar a segurança alimentar e melhoria da nutrição e promover a agricultura sustentável.
3. **Boa saúde e bem-estar:** assegurar uma vida saudável e promover o bem-estar para todos, em todas as idades.
4. **Educação de qualidade:** assegurar a educação inclusiva, equitativa e de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos.
5. **Igualdade de gênero:** alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas.
6. **Água limpa e saneamento:** assegurar disponibilidade e gestão sustentável da água e saneamento para todos.
7. **Energia acessível e limpa:** assegurar acesso confiável, sustentável, moderno e a preço acessível à energia para todos.
8. **Emprego digno e crescimento econômico:** promover crescimento econômico sustentado, inclusivo e sustentável, emprego pleno e produtivo e trabalho decente para todos.
9. **Indústria, inovação e infraestrutura:** construir infraestruturas resilientes⁸, promover a industrialização inclusiva e sustentável e fomentar a inovação.
10. **Redução das desigualdades:** reduzir a desigualdade dentro dos países e entre eles,
11. **Cidades e comunidades sustentáveis:** tornar as cidades e os assentamentos humanos inclusivos, seguros, resilientes e sustentáveis.
12. **Consumo e produção responsáveis:** assegurar padrões de produção e de consumo sustentável,
13. **Combate às alterações climáticas:** tomar medidas urgentes para combater a mudança climática e seus impactos.
14. **Vida debaixo d'água:** conservação e uso sustentável dos oceanos, dos mares e dos recursos marinhos para o desenvolvimento sustentável.
15. **Vida sobre a terra:** proteger, recuperar e promover o uso sustentável dos ecossistemas terrestres, gerir de forma sustentável as florestas, combater a desertificação, deter e reverter a degradação da terra e deter a perda de biodiversidade.

⁸ Que possui resiliência, capacidade de voltar à sua forma original, depois de ser alvo de deformação ou choque; flexível (<https://www.dicio.com.br>).

16. **Paz, justiça e instituições fortes:** promover sociedades pacíficas e inclusivas para o desenvolvimento sustentável, proporcionar o acesso à justiça para todos e construir instituições eficazes, responsáveis e inclusivas em todos os níveis.

17. **Parcerias em prol das metas:** fortalecer os meios de implementação e revitalizar a parceria global para o desenvolvimento sustentável.



Figura 3.2. Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. Fonte: www.agenda2030.com.br.

Considerando os 17 ODS é necessário que políticas inovadoras se comprometam com o DS, principalmente focadas no princípio de que todos devam ter acesso aos requisitos básicos para uma vida idônea. Portanto, o compromisso com a Agenda 2030 é uma oportunidade para o estado, setor privado, sociedade e sistema de cooperação internacional (Agosto et al., 2018). Pedrajas (2017) corrobora dizendo que esta não é uma simples agenda, é uma agenda global e que está focada nas pessoas e no planeta.

É possível observar que os ODS foram meticulosamente elaborados, de forma abrangente que contempla todos os grandes problemas que a sociedade, os humanos e de forma global, o planeta enfrentam. Esses problemas estão na linha de frente tanto na IS como nos negócios sociais, ambos com o propósito de os combaterem, em busca de uma vida na terra, atual e futura com qualidade. As suas relações com o DS serão abordadas nesta próxima seção.

INOVAÇÃO SOCIAL E NEGÓCIOS SOCIAIS SOB A ÓPTICA DO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

O conceito de IS apresenta uma diversidade de descrições, conforme descrito no Capítulo 1. Para relembrar, a IS é uma criação, renovação ou transformação das relações sociais para resolver uma crise, produzindo uma adaptação do sistema (Castro-Arce; Vanclay, 2020). A IS refere-se à maneira que os indivíduos, grupos e comunidades se mobilizam para enfrentar os problemas, possuindo fortes

conotações acerca de esforços sociais e institucionais para implementar os caminhos sustentáveis (Jaeger-Erben et al., 2015).

Por consequência, a IS aliada ao desenvolvimento sustentável pode ajudar a superar o desencontro entre crescimento econômico e bem-estar social (Correia et al., 2018). Segundo Figueiredo, Prim e Dandolini (2018) as características da IS e o conceito de DS possuem relação direta, atuando nos 17 ODS da Agenda 2030, mesclando-se de forma integrada e indivisível com as três dimensões do desenvolvimento sustentável, ou melhor, com as cinco referidas por Sachs (1993), econômica, social, ecológica, cultural e espacial.

Desta maneira, torna-se um compromisso global sem precedentes a fim de erradicar a pobreza, melhorar a qualidade de vida das pessoas, garantir a sustentabilidade ambiental, fornecer de forma inclusiva e equitativa oportunidades de educação de qualidade para todos, construindo parcerias sustentáveis e assim por diante (Mititelu et al., 2016), alinhando-se com as características da IS. Isto posto, as ações e as políticas que estão voltadas ao desenvolvimento sustentável podem ser potencializadas a partir da instrumentação de inovações sociais (Mehmood; Parra, 2013).

Essas ações e políticas, também podem ser alcançadas a partir dos negócios sociais, que não são totalmente gratuitos, bem como, não visam ao lucro, mas tem como foco sua sustentabilidade monetária para poder cobrir seus custos operacionais, como já foi exposto no capítulo de negócios sociais. Portanto, um negócio social é bem parecido com os tradicionais, mas sua caracterização como social, não é pelo fato da sustentabilidade monetária e sim, por sua principal meta que é melhorar a qualidade de vida de pessoas ou da sociedade resolvendo os problemas que as afligem (Yunus et al., 2010).

Ainda, em relação aos negócios sociais, podem ser citados inúmeros exemplos de organizações que ofertam produtos ou serviços, ao mesmo tempo em que se preocupam com o impacto social positivo. Acrescido de que é um empreendimento que tem sua essência focada no desafio de suprir com efetividade as lacunas e resolver problemas ambientais e sociais, as quais se alinham com as premissas do desenvolvimento sustentável (Yunus, 2010; Santiago, 2018).

O sistema econômico vigente ocasionava desafios de ordem social e ambiental que eram ignorados e subestimados pela sociedade, no entanto, passaram a ocupar cada vez mais espaço nas discussões e atuações de empresas, sociedade civil e governo. O aumento das desigualdades sociais e o desgaste dos recursos naturais provocaram consequências que foram responsáveis pela abrangência das discussões em torno da responsabilidade socioambiental das empresas e o desenvolvimento sustentável (Santiago, 2018).

Para exemplificar, um estudo sobre ecossistemas de IS nas cidades, concebidas como locais de mudanças de padrões de desenvolvimento e na criação de soluções de problemas públicos. Afirma que a

noção de ecossistemas de IS está além da ideia de estrutura e de sistemas e pode criar práticas que unem os aspectos socioeconômicos e socioculturais (Andion et al., 2020).

Outro exemplo ilustrativo, mas sobre negócios sociais, aborda a economia colaborativa, como cooperativas, negócios sociais e iniciativas informais que se preocupam com a sustentabilidade. Para o desenvolvimento dessas iniciativas de base, é importante entender melhor os modelos organizacionais que lhes permitem manter uma forte missão social, apesar das pressões. Assim sendo, o estudo explorou como a economia colaborativa e as várias estratégias institucionais podem fortalecer o reconhecimento e apoio às iniciativas de base Sustentável e, concluíram que ao entender esses processos facilita as transformações sociais direcionadas à resolução dos problemas (Lambert et al., 2019).

Desta maneira, as realizações, tanto das inovações sociais como dos negócios sociais tendem, em seus contextos peculiares a contribuir para a implementação do DS. Pois, cada um dos dezessete objetivos do desenvolvimento sustentável da Agenda 2030 aborda um grande problema, seja relacionando aos cinco pilares ou tratando especificamente apenas um, de âmbito global ou local. O fato é que há um ponto importante e comum, todos estão se empenhando para que o planeta não se finde e que todas as formas de vida existente permaneçam se renovando naturalmente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao descrever o conceito de DS é possível identificar sua abrangência e suas relações. É um conceito que está sendo muito estudado, juntamente à Agenda 2030 e os seus 17 ODS, na qual todos estão mundialmente envolvidos. Este programa de diretrizes, muito bem elaborado, está sendo considerado o ultimato da sobrevivência do planeta.

Por sua abrangência, pode ser associado à IS, quando isso ocorre a resolução dos problemas sociais adquire uma dimensão não apenas social, mas inclui a econômica, ambiental, espacial e cultural e se integram, havendo um fortalecimento mútuo. Bem como, pode se aliar aos negócios sociais e, da mesma forma, adquire uma visão mais ampliada para lidar com os problemas.

As contribuições deste artigo consistem na apresentação da história, conceitos e tendências do desenvolvimento sustentável, além de demonstrar suas relações com negócios sociais e inovação social. Todavia, o artigo ainda possibilita que seja evidenciado os entraves conceituais do conceito de DS e suas dificuldades de implementação. No entanto, pode-se dizer que os três conceitos, IS, NS e DS se apoiam nos mesmos fundamentos.

Ao mesmo tempo em que a complexidade e abrangência do tema torna-se uma limitação para presente pesquisa, ela pode ser um amplo caminho para aprofundamentos em trabalhos futuros, já que o desenvolvimento sustentável pode ser aplicado em qualquer campo. As tendências citadas possibilitam

diversos pontos de vista. Para pesquisas futuras as relações do DS com os negócios sociais e IS carecem de publicações empíricas.

REFERÊNCIAS

- Agenda 2030 (2020). Disponível em: <www.agenda2030.com.br>. Acesso em janeiro e fevereiro de 2020.
- Agosto G, Fontela M, Bandy L, Langsam M (2018). La Agenda 2030 como herramienta de desarrollo para los jóvenes en Argentina. *Ciência & Saúde Coletiva*, 23(9): 2797–2802.
- Andion C, Alperstedt GD, Graeff JF (2020). Ecosistema de inovação social, sustentabilidade e experimentação democrática: um estudo em Florianópolis. *Revista de Administração Pública*, 54(1): 181–200.
- Axelsson P, Hjältén J, Leroy CJ, Whitham TG, Julkunen-Tiitto R, Wennström A (2011). Leaf litter from insect-resistant transgenic trees causes changes in aquatic insect community composition. *Journal of Applied Ecology*, 48(6): 1472-1479.
- Barbier EB (1987). The concept of sustainable economic development. *Environmental Conservation*, 14(2): 101-110.
- Briceño CEB, Santos FCA (2019). Knowledge management, the missing piece in the 2030 agenda and SDGs puzzle. *International Journal of Sustainability in Higher Education*, 20(5): 901–916.
- Bresser-Perreira LC (2013). Ignacy Sachs e a nave espacial Terra. *Revista de Economia Política*, 33(2): 360–366.
- Castro-Arce K, Parra C, Vanclay F (2019). Social innovation, sustainability and the governance of protected areas: revealing theory as it plays out in practice in Costa Rica. *Journal of Environmental Planning and Management*, 62(13): 2255-2272.
- Correia S, Feitosa M, Oliveira VM, Gómez CP (2018). Inovação Social para o Desenvolvimento Sustentável: um caminho possível. *Administração Pública e Gestão Social*, 10(3): 199-212.
- Dias R (2006). *Gestão ambiental: responsabilidade social e sustentabilidade*. São Paulo: Atlas.
- Dias TLP (2006). *Os peixes, a pesca e os pescadores da Reserva de Desenvolvimento Sustentável Ponta do Tubarão (Macau-Guamaré/RN)*. Tese de Doutorado, Brasil.
- Dovers SR, Handmer JW (1992). Uncertainty, sustainability and change. *Global Environmental Change*, 2(4): 262-276.
- Figueiredo Y, Prim MA, Dandolini GA (2018). *Inovação Social: características relacionadas ao Desenvolvimento Sustentável*. VIII CONBREPO.

- Goodland R, Ledec G (1987). Neoclassical economics and principles of sustainable development. *Ecological Modelling*, 38(1-2): 19-46.
- Hopwood B, Mellor M, O'Brien G (2005). Sustainable development: mapping different approaches. *Sustainable Development*, 13(1): 38-52.
- Jackson T, Senker P (2009). *Prosperity without growth: Economics for a finite planet*. Editora: Routledge. 255p.
- Jaeger-Erben M, Rückert-John J, Schäfer M (2015). Sustainable consumption through social innovation: a typology of innovations for sustainable consumption practices. *Journal of Cleaner Production*, 108: 784-798.
- Lambert L, Dedeurwaerdere T, Nyssens M, Severi E, Brolis O (2019). Unpacking the organisational diversity within the collaborative economy: The contribution of an analytical framework from social enterprise theory. *Ecological Economics*, 164: 106343.
- Lele SM (1991). Sustainable development: a critical review. *World development*, 19(6): 607-621.
- Massod EMS (1929–2015). Nature, 528(7583): 480–480, 23 dez. 2015.
- Meadowcroft J (2000). Sustainable development: a new (ish) idea for a new century? *Political studies*, 48(2): 370-387.
- Mehmood A, Parra C (2013). *Social innovation in an unsustainable world*.
- Michel A, Hudon M (2015). Community currencies and sustainable development: A systematic review. *Ecological economics*, 116: 160-171.
- Miranda ÂT (2014). Desenvolvimento sustentável - Conferências da ONU. Ângelo Tiago de Miranda. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/disciplinas/geografia/desenvolvimento-sustentavel-3-conferencias-da-onu.htm>. Acesso em: 30 março, 2020.
- Mititelu C, Fiorani G, Litardi I (2016). Fostering Sustainable Development, Entrepreneurship, and Social Innovation Through Csr: The New Role of University. *Gestão ambiental: responsabilidade social e sustentabilidade*, 4: 951-976.
- Olawumi TO, Chan DWM (2018). A scientometric review of global research on sustainability and sustainable development. *Journal of cleaner production*, 183: 231-250.
- ONU (2019). Organização das Nações Unidas. Definição de Sustentabilidade. Disponível em: <https://www.jb.com.br/index.php?id=/acervo/materia.php&cd_matia...1...1>. Acesso em: 4 mar. 2019.
- ONU (2020). Organização das Nações Unidas. Linha do tempo da Agenda 2030. Disponível em: <<http://www.agenda2030.org.br/linha-do-tempo>>. Acesso em: 30 março, 2020.
- Pedrajas M (2017). The Last Mile: The Ethical Challenges of Extreme Poverty and Vulnerability in the UN 2030. *Agenda for Sustainable Development. Veritas*, 37: 79–96.

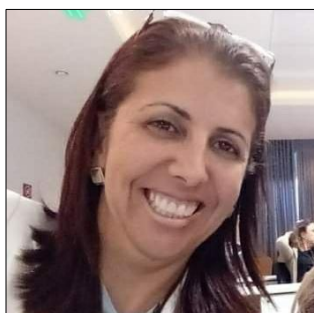
- Sachs I (1993). Estratégias de transição para o século XXI. In: Bursztyn M (org.) *Para Pensar o Desenvolvimento Sustentável*. São Paulo: Brasiliense, 1.
- Sachs W (2017). The Sustainable Development Goals and Laudato si': varieties of Post-Development? *Third World Quarterly*, 38(12): 2573–2587.
- Santiago H (2018). Avanços nas ODS no Brasil e no mundo. Editora: BISUS, 01.
- Seyfang G, Longhurst N (2013). Desperately seeking niches: Grassroots innovations and niche development in the community currency field. *Global Environmental Change*, 23(5): 881-891.
- Strange T, Bayley A (2008). Sustainable development: Linking economy. *Society Environment*, 141.
- UNESCO (2017). *Desafios 2030: uma agenda para todos*. Correio da Unesco.
- WCED (1987). Special working session. World commission on environment and development. *Our Common Future*, 17: 1-91.
- Yunus M (2010). *Criando um negócio social: como iniciativas economicamente viáveis podem solucionar os grandes problemas da Sociedade*. Rio de Janeiro: Elsevier.
- Yunus M, Moingeon B, Lehmann-Ortega L (2010). Building social business models: Lessons from the Grameen experience. *Long Range Planning*, 43(2-3): 308-325.

SOBRE OS AUTORES E ORGANIZADORES



ID CARLA ZANDAVALLI

Doutoranda em Engenharia e Gestão do Conhecimento. Mestre em Engenharia de Produção pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2004). Possui Bacharelado em Administração de Empresas pelo Centro Universitário de Maringá (2015) e graduação em Tecnologia em Processamento de dados pela Fundação Universidade do Contestado - Campus Concórdia (1997). Foi professora dos cursos de Bacharelado em Administração, Tecnologia em Processos Gerenciais e Logística e coordenadora de Curso Superior em Logística. Tem experiência na área de logística nacional e internacional, em empresa privada, por mais de 4 anos, e gestão da qualidade aplicada em serviços. É funcionária pública do Instituto Federal Catarinense, Reitoria - Blumenau, desde 2010, com experiência na Coordenadora de Registros Acadêmicos, Assessora de Relações Internacionais e coordenação do Núcleo de Inovação (Setor-Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação). Contato: carlainacioudacunha@gmail.com.



ID CARLA INACIO DA CUNHA

Consultora em Sustentabilidade Humana e Organizacional, com formação em Serviço Social (2000) pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), possui especialização em Gestão Estratégica de Pessoas (2004) pelo Instituto Nacional de Pós Graduação e Administração e Planejamento de Projetos Sociais (2006) na Universidade Gama Filho, é também Coaching pelo IDECOH (2016). Em 2019 foi aluna especial do Mestrado em Engenharia e Gestão do conhecimento (EGC), e atualmente é membro do grupo de pesquisa em Inovação Social da UFSC. Com mais de 19 anos de experiência no mundo corporativo, sempre liderou processos e pessoas nas áreas de Recursos Humanos, Sustentabilidade, Responsabilidade Corporativa, Inovação Social e Negócios de Impacto. Possui sólida experiência na construção e gerenciamento de instituto/fundação empresarial, como atualmente no Instituto Nexxera. Desenvolveu projetos de referência em gerenciamento de impacto socioambiental em comunidades industriais de empresas localizadas na América Latina, como México, Costa Rica, Colômbia, Equador e Paraguai. Vem liderando iniciativas de modelos de trabalhos em gestão da sustentabilidade para o segmento de tecnologia em Santa Catarina na posição de vice-diretora da Vertical Governança e Sustentabilidade da Acate (Associação Catarinense de Tecnologia). Contato: setteca@gmail.com.



ID  DANIELA DE OLIVEIRA MASSAD

Doutoranda e Mestre em Gestão do Conhecimento pelo Programa de Pós-graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Bacharel em Engenharia de Produção/Ênfase em Qualidade Química pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Campus Resende, aonde foi professora de disciplinas na área de Química. Possui experiência em análise de viabilidade econômica de projetos de nacionalização e modificações de peças automotivas, tendo atuado durante cinco anos em empresa multinacional do ramo automobilístico. Servidora Técnico-Administrativa em Educação da UFSC desde 2010. Integrante do Grupo de Pesquisa Inovação em Ciência e Tecnologia - CoMovI (UFSC/CNPq). É autora de capítulos de livros e possui artigos publicados em periódicos especializados e em anais de eventos nacionais e internacionais. Atua na linha de pesquisa de Empreendedorismo, Inovação e Sustentabilidade, realizando pesquisas principalmente nas áreas de inovação social, empreendedorismo social e capacidade absorptiva do conhecimento. Contato: danielestevesatt@gmail.com.



ID  DANIEL ESTEVES

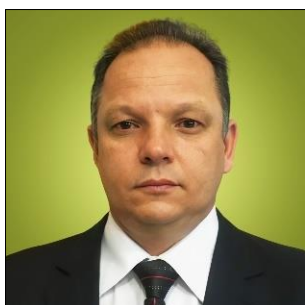
Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento pela Universidade Federal de Santa Catarina Profissional de carreira como Designer de Moda, com experiência em desenvolvimento e produção de confecção em artigos de vestuário de moda. Possui Pós-Graduação MBA em Administração de Empresas, em nível de especialização da Fundação Getúlio Vargas (2014). Graduação em Design de Moda pela Universidade do Sul de Santa Catarina (2011). Atua na área de inovação social como um dos líderes do Projeto Cidades Invisíveis, com base na produção de moda. O Projeto apoia os membros da Comunidade Frei Damião do Município de Palhoça/SC, a desenvolver um empreendedorismo de propósito gerando emprego e renda que contribuem para a melhoria da qualidade de vida dos membros da Comunidade. Contato: danimassad@gmail.com.



ID  GERTRUDES APARECIDA DANDOLINI

Professora Titular da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) no Departamento de Engenharia do Conhecimento. Graduação em Matemática (Licenciatura) pela Universidade Federal de Santa Catarina (1992), mestrado (1997) e doutorado (2000) na área de Inteligência Artificial em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina (1997). Trabalhou na Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) de 1993 a 2007 como professora na área de Matemática, atuando em

Educação a Distância. Foi coordenadora dos Cursos de Graduação em Matemática e Matemática a Distância (2001-2006) na UFPEL e, na UFSC, do Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento (2017-2019), no qual atualmente é professora permanente. Pesquisa nas áreas de Inovação, Aprendizagem, Gestão do Conhecimento, Governança, Universidade Corporativa e Visão Sistêmica. Faz parte de três grupos de pesquisa IGTI - Inteligência, Gestão e Tecnologias para Inovação (Líder), ENGIN – Engenharia da Integração e Governança do Conhecimento e KLON - Interdisciplinar em Conhecimento, Aprendizagem e Memória Organizacional. É autora de centenas de artigos em anais de eventos e revistas científicas, e autoras dos livros Matemática Elementar I (2009) e Introdução a Lógica Matemática (2010), e organizadora de: Inteligência para Inovação (2018), Inovação em Segurança Pública (2018), Empreendedorismo e Inovação Social (2017), Gestão Empreendedora da Inovação – Vol.3 (2016), Gestão Empreendedora da Inovação: estudos de caso em empresas de base tecnológica – Vol. 2 (2015), Gestão Empreendedora da Inovação - Vol.1(2014), Cadernos de Pesquisa em Inovação: as novas tecnologias e as tendências em inovação (2013), e Mídias do Conhecimento (2011). Contato: gertrudes.dandolini@ufsc.br.



 **JOÃO ARTUR DE SOUZA**

Professor Titular da Universidade Federal de Santa Catarina no Departamento de Engenharia do Conhecimento. Graduação em Matemática (Licenciatura) pela Universidade Federal de Santa Catarina (1989) e em Direito pela Universidade do Sul Catarinense, mestrado em Matemática e Computação Científica pela Universidade Federal de Santa Catarina (1993) e doutorado na área de Inteligência Artificial em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina (1999). Trabalhou na Universidade Federal de Pelotas de 1993 a 2007 como professor na área de Matemática, atuando especialmente em Educação a Distância. Foi coordenador dos Cursos de Graduação em Matemática e Matemática a Distância (2005-2006). Líder do Grupo de Pesquisa IGTI - Inteligência, Gestão e Tecnologias para Inovação (Líder) e ENGIN – Engenharia da Integração e Governança do Conhecimento. Pesquisa na área de Inovação, Inteligência Artificial, Gestão do Conhecimento, Gestão de Risco e Controle Interno, e Universidade Corporativa. Atua como professor no Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento da UFSC na área de Inteligência e Gestão para Inovação. É autor de centenas de artigos publicados em revistas científicas e anais de evento, e autor do livro Introdução a Lógica Matemática (2010), e editor dos livros: Inovação em Segurança Pública (2018), Inteligência para Inovação (2018), Empreendedorismo e Inovação Social (2017), Ciência, tecnologia e inovação: pontes para a segurança pública (2016), Cadernos de pesquisa em inovação: as novas tecnologias e as tendências em inovação (2013). Contato: joao.artur@ufsc.br.



  **LEONARDO L. L. DE LACERDA**

Mestre em Lazer pela UFMG (linha temática de Formação e Atuação Profissional. Museu e Marketing de Serviços), Especialista em Lazer pela UFMG (abordagem sobre jogo e grupos sociais). Graduado em Turismo pelo Centro Universitário Newton Paiva (abordagem sobre ludicidade e saúde). Graduação incompleta em Administração pela Faculdade de Estudos Administrativos (FEAD). Coach pelo Instituto Brasileiro de Coaching. Atualmente é doutorando em Engenharia e Gestão do Conhecimento na UFSC (linha de pesquisa em Gestão do Conhecimento e Sustentabilidade). Contato: leolllacerda@yahoo.com.br.



  **MÁRCIA APARECIDA PRIM**

Doutoranda e mestre em Gestão do Conhecimento pelo Programa de Pós-graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora na Faculdade de Tecnologia AeroTD. Bacharel em Administração com Habilitação em Marketing (2010) pela Sociedade Educacional de Santa Catarina Única/SOCIESC. Ganhou o Prêmio de Mérito Discente de Produtividade (turma mestrado de 2015 e turma doutorado 2017) e Mérito Acadêmico da Sociedade Educacional de Santa Catarina Única/SOCIESC em 2010. Possui experiência na área de gestão de projetos, gestão de empresas, setor privados e terceiro setor, bem como na área de treinamento e desenvolvimento. Atua como membro do Núcleo de Estudos em Inteligência, Gestão e Tecnologias para Inovação (IGTI) (UFSC/CAPES), na linha de pesquisa em Empreendedorismo, Inovação e Sustentabilidade. Realiza pesquisas principalmente nas áreas de inovação social e sua governança. É autora de artigos em periódicos especializados, capítulo de livros e anais de congresso nacionais e internacionais. Contato: marciaaprim@gmail.com.



  **RICARDO PEREIRA**

Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento (EGC) da Universidade Federal de Santa Catarina. Graduado em Administração de Empresas (2002) e em Direito (2013), ambos pela Universidade Federal de Santa Catarina, com especialização/MBA em Gestão Global pela Universidade Independente de Lisboa (2004) e mestrado em Engenharia de Produção, na área de inteligência organizacional pela Universidade Federal do Santa Catarina (2009). Servidor Público Federal desde 2004. Administrador/Analista da Universidade Federal de Santa Catarina, Procuradoria Geral Federal (PF/AGU) e IBGE, exercendo atividades relacionadas à supervisão, programação, coordenação e execução especializada, em um grau de maior complexidade, relacionada a estudos, pesquisas, análises e projetos de

administração de pessoal, material, orçamento, organização e métodos. Atualmente atua como Analista de Planejamento, Gestão e Infraestrutura, exercendo suas atividades na Procuradoria da União no estado de Santa Catarina (PU/AGU). Contato: rikardop@gmail.com.



  **ROSANE MALVESTITI**

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento pela Universidade Federal de Santa Catarina. Possui graduação em Enfermagem pelo Centro Universitário Herminio Ometto de Araras (1986), graduação em Educação Física pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (1990) e mestrado em Ciências do Movimento Humano pela Universidade Cruzeiro do Sul (2014). Atualmente, ergonomista prestadora de serviços à várias empresas e professora de consciência corporal e yoga - Clínica de Terapia Rosane Malvestiti em Araras e Clínica Coração da Terra em São Paulo, SP, atuando principalmente nos seguintes temas: ergonomia, corpo, terapia e ginástica. Contato: romaiah50@gmail.com.



  **YOHANI DOMINIK DOS SANTOS FIGUEIREDO**

Doutoranda e mestre em Engenharia e Gestão do Conhecimento pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), possui MBA em Gestão de Projetos em Engenharia e Arquitetura pelo Instituto de Pós-Graduação e Graduação (IPOG), Experiência com desenvolvimento de projetos de arquitetura residencial unifamiliar, multifamiliar, projetos comerciais, projetos de arquitetura de interiores, acompanhamento de obras e elaboração de instituição de condomínios. Atualmente atua como membro do Núcleo de Estudos em Inteligência, Gestão e Tecnologias para Inovação (IGTI) (UFSC). Contato: yohanidominik@gmail.com.

ÍNDICE REMISSIVO

A

AGENDA 2030 · 43, 44, 45, 49, 54
 aprendizagem · 16, 18, 20, 21, 50, 61, 64, 68,
 69, 70, 74, 80
 autossustentabilidade financeira · 31

B

base da pirâmide · 14, 32, 34, 39

C

cocriação · 14, 19, 23, 64, 68, 70, 71, 72
 colaboração · 14, 16, 17, 18, 19, 21, 23, 64, 65,
 67
 compartilhamento do conhecimento · 18
 comunidade local · 59, 66, 74, 75
 conhecimento · 14, 15, 16, 18, 19, 21, 22, 40,
 43, 59, 62, 63, 67, 68, 78, 80, 81, 82, 86, 87,
 90, 91
 cooperação · 14, 15, 51, 64, 79, 86
 criação de valor · 29, 32, 36, 65, 80

D

desenvolvimento sustentável · 20, 30, 42, 43,
 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 81
 objetivos · 49
 evolução · 43
 desigualdade · 29, 46, 50, 79

E

ecoturismo · 59, 64, 66, 74, 75
 educação empreendedora · 80, 81, 82, 83, 87
 empoderamento · 13, 19, 20, 21, 22
 empreendedorismo social · 34, 35, 78, 80, 86,
 91
 empresas sociais · 29, 30, 31, 32, 33, 34, 36, 38,
 39, 72, 73

G

governança · 16, 23, 31, 32, 45, 63, 67, 69, 93

I

Ignacy Sachs · 42, 45, 46, 54
 impacto
 social · 13, 20, 21, 29, 32, 35, 38, 39, 52
 do turismo · 61
 inclusão social · 13, 14, 20, 22, 30, 87
 inovação social · 13, 14, 15, 20, 21, 22, 23, 25,
 26, 42, 53, 54, 58, 59, 60, 63, 64, 65, 66, 67,
 68, 69, 70, 71, 73, 74, 75, 77, 79, 81, 87, 91,
 93

L

laboratório de turismo sustentável e inovação
 social · 68

M

Maurice Frederick Strong · 45
 mudança social · 16, 32

N

necessidade social · 15, 73, 74
 negócios
 inclusivos · 30, 32, 40
 sociais · 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38,
 39, 41, 42, 46, 51, 52, 53, 54, 81

O

organização social · 47, 49, 80

P

parcerias · 16, 17, 18, 49, 52, 66, 87

participação

coletiva · 64, 69

social · 23, 26

problema social · 13, 16, 20, 29, 31, 32, 80

Programa das Nações Unidas para o Meio

Ambiente · 45

projetos sociais · 81

R

redes · 16, 18, 20, 21, 26, 63, 65, 69, 74

sociais · 26, 63

Relatório *Brundtland* · 43

responsabilidade social · 38, 54, 55, 81, 87

S

sustentabilidade · 13, 14, 20, 22, 29, 32, 35, 36,

37, 38, 39, 44, 46, 47, 49, 52, 53, 54, 55, 59,

64, 72, 75, 90

T

transformação · 13, 14, 15, 16, 17, 20, 21, 22,
23, 52, 63

turismo · 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 66, 67, 68,
69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77

de base comunitária · 59, 64, 67, 75

inteligente · 70, 71, 72

sustentável · 63, 68, 69, 70, 74, 75

V

valor social · 13, 16, 17, 21, 30, 32, 33, 79, 80

W

World Commission on Environment and Development

· 47

Desde que o homem percebeu que para sobreviver necessitava explorar recursos naturais, sua relação com o meio ambiente tem sido desafiadora. Tal relação que deveria ser harmoniosa, há tempos está desequilibrada. A humanidade explora os recursos naturais como se fossem inesgotáveis. Nas últimas décadas, a rápida aceleração industrial tem sido acompanhada de poluição e degradação do meio ambiente. A internalização dos lucros e a socialização dos prejuízos ambientais têm sido a regra, e quem perde é o planeta e as futuras gerações.

Entretanto, o mundo em que vivemos apresenta indícios de que esta forma de exploração é insustentável. Catástrofes, efeito-estufa, desequilíbrio climático, dentre tantos outros eventos sugerem uma nova abordagem pela humanidade.

Em contradição a esta realidade, uma parcela da sociedade, atenta a esta situação de desarmonia, vem promovendo uma nova forma de enxergar a relação do homem com a natureza, visando à exploração de recursos naturais de forma sustentável, produção industrial limpa, dentre outras iniciativas que minimizem as mazelas até então identificadas.



Pantanal Editora

Rua Abaete, 83, Sala B, Centro. CEP: 78690-000
Nova Xavantina – Mato Grosso – Brasil
Telefone (66) 99682-4165 (Whatsapp)
<https://www.editorapantanal.com.br>
contato@editorapantanal.com.br